



# A ECONOMIA PORTUGUESA EM 2007

No ano de 2007 o PIB português cresceu a uma taxa real de 1,9 por cento, ligeiramente superior ao registado no ano anterior, de 1,3 por cento, o que levou o Banco de Portugal a afirmar no seu Relatório Anual que “A economia portuguesa manteve em 2007 uma trajectória de recuperação gradual da actividade”.

Se tal é uma realidade face aos fracos desempenhos da economia portuguesa, que se acentuaram desde 2001, não devemos contudo esquecer o quanto nos estamos a afastar do objectivo de convergência real, económica, de bem-estar e coesão social, delineado aquando da adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia. Mais uma vez se assiste a um crescimento inferior à taxa de variação real da União Europeia, que se situou nos 3,1 pontos percentuais. De salientar ainda que, à excepção da Itália, todos os países que fazem parte da área do euro revelaram um ritmo de crescimento superior ao da economia portuguesa.

Não tendo sabido aproveitar o período expansionista protagonizado em especial pela grande dinâmica das economias emergentes, Portugal debate-se, desde a segunda metade de 2007, com uma conjuntura internacional desfavorável, trazida à luz pela crise do mercado hipotecário com maior risco (subprime) nos EUA, que rapidamente se estendeu aos mercados financeiros internacionais. A economia americana ressentiu-se de imediato da violência destes choques, tendo abrandado o seu ritmo de crescimento. Em simultâneo intensificou-se o aumento do preço do petróleo e das matérias-primas nos mercados mundiais.

O abrandamento da actividade económica foi, pois, um fenómeno que se verificou na generalidade dos blocos geoestratégicos. A economia mundial cresceu a uma taxa real de 4,9 por cento, o que representa uma desaceleração de 0,5 p.p. em relação ao ano anterior. O comércio mundial de bens e serviços aumentou 6,8 por cento em 2007, menos 2,5 p.p do que o registado em 2006. Não fora o comportamento das economias de mercado emergentes, que mantiveram uma taxa de variação real do PIB de 7,9 por cento e certamente se falaria não de abrandamento mas de uma quebra acentuada da actividade económica.

A crise mundial veio contrariar as previsões optimistas da afirmada retoma da economia portuguesa, uma vez que o elevado grau de abertura económica e financeira a torna particularmente sensível à evolução da conjuntura internacional.

O crescimento do PIB situou-se, como se viu, abaixo das expectativas, em 1,9 por cento, tendo sido essencialmente induzido pelo comportamento da procura interna, uma vez que o contributo da procura externa líquida sofreu uma forte queda. Esta evolução acaba por reflectir a variação positiva do investimento, em 3,8 por cento, a desaceleração das exportações, de 9,2 por cento em 2006 para 7,7

Produto Interno Bruto, Taxa variação real (em percentagem)		
	2006	2007
Economia mundial	5,4	4,9
Economias avançadas	3,1	2,7
Área do euro	2,7	2,6
Alemanha	2,7	2,6
França	2,2	2,1
Itália	1,9	1,4
Espanha	3,9	3,8
Países Baixos	2,9	3,5
Bélgica	3,2	2,8
Áustria	3,1	3,3
Grécia	4,3	4,0
PORTUGAL	1,3	1,9
Finlândia	5,5	4,3
Irlanda	5,3	5,2
Luxemburgo	6,2	4,6
Eslovénia		6,1
União Europeia (27)	3,1	2,9
Economias de mercado emergentes	7,9	7,9

Fonte: Relatório anual 2007/Banco de Portugal – Quadro A.1.1

por cento em 2007 e o maior crescimento das importações, que registaram uma taxa de variação real de 6,1 por cento.

O consumo das famílias apresentou um crescimento moderado de 1,5 por cento, mesmo assim superior à evolução do rendimento disponível dos particulares que cresceu 0,9 pontos percentuais, o que acabou por se traduzir num agravamento do seu nível de endividamento. A esta situação não são alheios o baixo crescimento dos salários reais, pressionados pela volatilidade do mercado de trabalho e consequente aumento do desemprego, com uma taxa de 8 por cento, o aumento da carga fiscal directa e o aumento gradual das taxas de juro.

Quando falamos de PIB estamos a falar de crescimento. Quando falamos de convergência para um padrão de bem-estar e coesão social europeu, estamos a falar de desenvolvimento. E é tão mais importante quanto só através do desenvolvimento vai ser possível controlar os efeitos perversos da própria globalização, como o são o adensamento das assimetrias regionais, o aumento da exclusão, o empobrecimento versus enriquecimento, a criação de novos focos de pobreza.

O que nos dizem, então, alguns dos indicadores do nível de bem-estar da sociedade portuguesa, do seu nível de desenvolvimento?

Nos três últimos anos, o PIB per capita em Portugal tem vindo a degradar-se, passando de 75,4 por cento do rendimento per capita da União Europeia, em 2005, para 73,7 por cento em 2007. Refira-se que ao longo desta década nunca os portugueses conseguiram usufruir de 80 por cento do rendimento médio europeu. Se afinarmos a análise e considerarmos apenas os quinze países membros, os de maior nível de desenvolvimento, então, o PIB per capita português desceu em 2007 para 66,1 por cento do rendimento médio per capita europeu.

A justificação pode encontrar-se nos baixos salários e na baixa produtividade do trabalho. Uns e outra reflectem o estágio de desenvolvimento do país e os principais problemas com que a economia portuguesa se debate. É frustrante verificar que ao longo desta década, a produtividade em Portugal apresentou valores mais elevados no ano 2000 do que em 2007, e nunca chegou a atingir 70 por cento da produtividade média europeia.

Olhemos para a educação, a formação, a qualificação das pessoas e talvez se torne legível esta amarga realidade. Façamos da população entre os 20 e os 24 anos com ensino secundário completo na União Europeia (77,9%), mais de uma vez e meia a registada em Portugal (49,6%), da taxa de abandono escolar precoce em Portugal (39,2%), que ultrapassa o dobro da taxa média europeia (15,2), da aprendizagem ao longo da vida.

O momento é de ruptura com o pensamento económico dominante. Intervencionismo? Mercado soberano? Valorização da economia real? Um olhar mais social sobre toda a actividade humana? Até onde a globalização vai ser marcada pela solidariedade? Não se sabe como vai ser, mas um novo paradigma está a emergir no turbilhão da crise actual. É um desafio para o mundo global. É um enorme desafio para Portugal.

Como diria Keynes,  
*“O maior problema não é o de fazer aceitar ideias novas, mas o de fazer esquecer as antigas”.*

#### Indicadores Estruturais em Portugal e na União Europeia (em percentagem)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
PIB per capita em % da média da União Europeia (UE15)	67,9	67,5	67,6	67,6	66,1	66,9	66,5	66,1
PIB per capita em % da média da União Europeia (UE27)	78,1	77,4	77,2	76,9	74,7	75,4	74,5	73,7
Produtividade do trabalho em % da média da UE (UE15)	61,0	60,6	60,9	61,5	60,5	61,8	61,7	62,1
Produtividade do trabalho em % da média da UE (UE27)	69,1	68,2	68,1	68,5	67,1	68,4	68,1	68,4
População 20-24 anos com ensino secundário completo	43,2	44,4	44,4	47,9	49,6	49,0	49,6	-
União Europeia (UE15)	73,7	73,6	73,7	74,0	74,4	74,7	75,0	-
União Europeia (UE27)	76,6	76,6	76,7	76,9	77,2	77,5	77,9	-
Taxa de abandono escolar precoce <sup>(a)</sup>	42,6	44,0	45,1	40,4	39,4	38,6	39,2	-
União Europeia (UE15)	19,5	19,0	18,7	18,3	17,5	17,1	16,9	-
União Europeia (UE27)	17,6	17,3	17,1	16,6	15,9	15,5	15,2	-
Aprendizagem ao longo da vida <sup>(b)</sup>	3,4	3,3	2,9	3,2	4,3	4,1	4,2	-
União Europeia (UE15)	8,0	8,0	8,1	9,8	10,7	11,3	11,2	-
União Europeia (UE27)	7,1	7,1	7,2	8,5	9,3	9,7	9,6	-
Taxa de desemprego	3,9	4,0	5,0	6,3	6,7	7,6	7,7	8,0
União Europeia (UE27)	8,7	8,5	8,9	8,9	9,0	8,9	8,1	7,1
PIB – Taxa de variação real	3,9	2,0	0,8	-0,8	1,3	0,9	1,3	1,9
União Europeia (UE27)	4,0	2,0	1,2	1,3	2,3	1,9	3,1	2,9
Índice de Preços no Consumidor	2,9	4,4	3,6	3,3	2,4	2,3	3,1	2,5
União Europeia (UE27)	3,5	3,2	2,5	2,1	2,3	2,3	2,3	2,4

Fonte: Relatório anual 2007/Banco de Portugal – Quadros A.1.1, A.1.2, A.1.4 e A.3.4

Notas: (a) Percentagem da população 18-24 anos que não concluiu o ensino secundário e não se encontra na escola ou em acções de formação; (b) Percentagem da população 25-64 anos que participou em acções de educação ou formação